

Pública, porém decente

Escola do governo consegue aprovar 44% no vestibular

Verner Uhlman

BRASÍLIA — Indiferente à crise enfrentada pela rede de ensino oficial, uma escola pública mostra que é possível competir com os colégios particulares, apesar das inúmeras dificuldades. Na última temporada de vestibulares, o Centro Educacional do Setor Oeste (Ceso), de 2º grau, conseguiu a façanha de obter um índice de 44% de aprovação na sua primeira turma. De um total de 120 estudantes, 53 passaram no teste, 28 deles para universidades públicas.

O sucesso teve conseqüências imediatas. No começo das aulas, houve tantos pedidos de matrícula que foi necessário colocar cartazes avisando que não havia mais vagas. Se o Ceso fosse uma escola particular, talvez sua atuação não merecesse sequer um registro. Mas, como escola pública, ele convive com a crise da rede de ensino oficial do Distrito Federal.

Estímulo — Para a maioria dos pais e alunos de classe média baixa de cidades-satélites como Taguatinga e Guará, às quais o Ceso atende preferencialmente, a escola é uma ilha de sucesso rodeada pelas sucatas das escolas públicas pertencentes à Fundação Educacional do Distrito Federal (FEDF). No entanto, o Ceso não recebe qualquer tratamento especial que explique a qualidade do ensino que presta à população.

“Para primeira turma, os índices atenderam às nossas expectativas”, avalia o professor Mário Coutinho, que dirige a escola desde 1985. No ano passado, dos 30 alunos que cursaram apenas as 2ª e 3ª séries, 40% obtiveram aprovação em vestibulares. Para os 32 professores do Ceso, os resultados provam que é viável querer que a escola pública aprove seus alunos nos vestibulares, competindo com cursinhos e colégios particulares.

O sucesso da escola é explicado pelo grupo de 12 professores, que dá aulas nas redes de ensino público e privado. Eles se angustiavam em ver apenas os estudantes dos colégios particulares passarem nos vestibulares. No final de 1985, encontraram-se com o então secretário de Educação, Fábio Bruno, e lançaram o desafio de aprovar adolescentes com menor poder aquisitivo.

Sucesso — Depois de três anos, Coutinho atribui a experiência dos professores no ensino de 2º grau e na preparação aos vestibulares à opção profissional do projeto. O desafio motivou a todos e foi absolutamente normal a adoção de uma carga horária de aulas maior do que em outros colégios do FEDF. “Você encontra colegas altamente qualificados na rede oficial, mas sem um objetivo definido, desmotivado e que acaba se conformando”, explica Coutinho. Para ele, a desmotivação maior é causada pelos baixos salários. Os professores da FEDF ganham praticamente a metade de seus colegas da rede particular.

No meio do caminho da primeira turma do Ceso ao vestibular houve alguns bons resultados. Delano Valdevino dos Santos Batista e Laerte Ferreira foram, respectivamente, 1º e 2º colocados na Olimpíada de Matemática de Brasília de 88. Delano, inclusive, conseguiu o 4º lugar nacional e já a partir deste semestre começa a cursar Física na Universidade de Brasília (UnB). Laerte estuda Ciências da Computação na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Para a estudante Patrícia Carvalho Saraiva, do 3º série, a classificação entre as 50 melhores crônicas do concurso nacional da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul foi o estímulo que faltava para tentar o curso de jornalismo ano que vem.

Pais ajudam — A escola, entretanto, ainda não é totalmente compreendida, inclusive pela FEDF. Até mesmo a atual secretária de Educação, Josephina Baiocchi, acreditava que os professores do Ceso tinham algum tipo de regalia. O professor Coutinho reage e explica: “Nosso material didático é igual ao dos outros. Salas de aula, quadro negro, giz, livros comprados pelos alunos e apostilas complementares imprimidas numa máquina xerox, cujo papel é fornecido pela FEDF. Mas o aluguel mensal de NCz\$ 215 é pago pela Associação de Pais e Mestres”.

Durante dois anos, o Ceso não recebeu material esportivo. Bolas de vôlei, basquete e futebol de salão e duas redes de vôlei foram compradas pela Associação de Pais e Mestres. No laboratório de química faltam vidraria e reagentes. Só há um microscópio no colégio e o laboratório de Física não tem qualquer equipamento. “Apesar dessa situação, alunos e professores pretendem manter o padrão da escola”, garantiu o diretor Mário Coutinho.